

A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DO AUTISMO: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE LUTO E A INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA

Flávia Adriane Bueno Basso¹
Diego da Silva²

RESUMO: Este estudo explorou as emoções perdidas pelas mães das crianças diagnosticadas com um problema do espectro autista (TSA) e concluiu que a intervenção psicanalítica é possível que ajudar no desenvolvimento da resiliência face a esta realidade. O estudo concentra-se nos processos afetivos e nos fatores que facilitam a aceitação da tristeza e a reestruturação das atenções ligadas à maternidade. Com base na literatura existente, a pesquisa examinou os estudos mais recentes sobre o mal material no contexto da TSA e nas intervenções psicanalíticas. Os resultados indicam que o mal material é intensificado pela falta de eficácia social e pela estigmatização associada à TSA. O estudo revelou que as intervenções psicanalíticas, conjuntamente com a base social comunitária, são cruciais para reforçar a resiliência psicológica dessas mães. A conclusão é que as mães de crianças autistas têm necessidades específicas que não é possível quem ser satisfatórias de acordo com as abordagens universais. Finalmente, foi sugerido que o desenvolvimento de políticas públicas e de intervenções clínicas visasse proporcionar um estímulo emocional e social suplementar às mães melhoradas, não apenas a qualidade de vida dessas mulheres, mas também as crianças autistas.

4097

Palavras-chave: Maternidade. Psicanálise. Autismo. Luto.

I INTRODUÇÃO

A experiência da maternidade é única na vida de uma mulher, repleta de momentos de felicidade, desafios e autodescoberta, vivenciada de maneiras diversas, variando de mulher para mulher. Pessoa et al. (2022). Mas quando estas mães se deparam com a expectativa versus a realidade, tornando ainda mais desafiadora, nesta experiência cruzada do diagnóstico de TEA, Transtorno do Espectro Autista, e um filho esperado neurotípico, esta jornada é possível que se tornar ainda mais complexa e desafiadora. A pesquisa propõe explorar a experiência materna diante do TEA, Transtorno Espectro Autista, com foco específico no processo de luto juntamente com e na intervenção psicanalítica como um caminho de compreensão e apoio.

Diante da descoberta do autismo, a vida de uma mãe passa a ser marcada por grandes desafios e emoções intensas e por muitas vezes desafiadoras e conflitantes, que vão desde

¹ Discente do curso de psicologia. Centro Universitário UNIENSINO.

² Professor orientador do curso de psicologia. Centro Universitário UNIENSINO.

aceitação a superação do luto. Neste estudo se propõe explorar o universo da maternidade perante o autismo desde a descoberta do diagnóstico, focando na intervenção psicanalítica como ferramenta essencial no auxílio das mães nesse processo (SMEHA, 2011).

O diagnóstico de autismo em um filho é possível que ser uma experiência negativa, desencadeando várias reações emocionais para as mães. Ao se deparar com o diagnóstico as mães é possível quem rapidamente dar lugar a negação, a raiva, a culpa, a tristeza e ao medo do desconhecido. O enfrentamento deste período de luto pela perda das expectativas e sonhos que tinham para o filho idealizado. O luto é único para cada mãe, neste processo é único e muito influenciado pela história de vida de cada mãe, em suas crenças e valores e experiências anteriores. É possível que dizer que é uma etapa fundamental no processo de adaptação à realidade do autismo e na construção de novos significados para a experiência materna. (Silva 2011).

A teoria psicanalítica oferece uma concepção única para compreender os desafios emocionais enfrentados pelas mães. Desde os primórdios da psicanálise, aqui Freud destaca a importância do luto no processo natural e necessário diante da perda de algo significativo, para Freud o luto é um mecanismo psicológico que permite a pessoa elaborar a perda, e reconhecer a realidade da mesma, integra-la gradativamente a sua vida na maternidade diante do autismo, este processo de luto é possível que ser complexo, uma vez que envolve não apenas a perda de expectativas e sonhos mas também a aceitação de uma nova realidade do filho com necessidades especiais.

É possível se dizer que além do luto, mães de crianças com Autismo por muitas vezes enfrentam sentimento de culpa, isolamento social e inadequação. E por muitas vezes se questionam se é possível queria ter feito algo diferente em sua gestação ou nos primeiros anos de vida do filho para prevenir o desenvolvimento do autismo, sentem-se julgadas por amigos e familiares, muitas vezes são incompreendidas. Essa carga emocional que estas mães carregam é possível quem ser avassaladoras e afetam profundamente a sua saúde mental destas mães, (SILVA; MULICK, 2009).

É possível se dizer que a intervenção psicanalítica surge com uma abordagem terapêutica eficaz para auxiliar as mães na elaboração do luto para a construção de novos significados na experiência materna. A psicanálise é possível que oferecer um espaço acolhedor e seguro onde as mães é possível quem e devem se sentirem livres para explorar

4098

livremente seus pensamentos fantasias e sentimentos mais profundos em relação ao autismo e a maternidade, (ROCHA; CAVALCANTI, 2007)

O terapeuta psicanalítico é um facilitador que atua no processo da elaboração do luto ajudando a expressar as emoções e compreende suas origens ajudando a mãe a identificar e compreender os conflitos internos, desenvolvendo estratégias de enfrentamento saudáveis, Gibran, (2013), além disso a psicanálise oferece uma visão ampla nas relações familiares e nas dinâmicas inconscientes que influenciam na experiência materna diante do autismo.

A maternidade diante do autismo é uma jornada repleta de desafios, que exige uma abordagem sensível e comprehensiva o olhar da psicologia, a intervenção psicanalítica é ferramenta valiosa para auxiliar as mães na vivência deste processo de luto, e na construção de novos significados e experiência materna juntamente com vínculo familiar, se reconectar validar sentimentos da mãe promovendo sua reflexão sobre sua vivência, e oferecendo bem estar emocional para a resiliência de mães com crianças autistas .

Este estudo tem como proposta explorar a experiência materna diante do autismo focando basicamente no processo de luto vivenciados por mães, juntamente com a intervenção psicanalítica como forma de compreensão emocional. A maternidade, por si só, já envolve um profundo vínculo emocional entre mãe e filho, transpõe as expectativas e fantasia idealizações. Quando seu filho é diagnosticado com autismo as expectativas se confrontam com a realidade diferente da idealizada, desafiando a mãe a rever suas concepções e se adaptar a uma nova perspectiva.

Autismo, Transtorno Espectro Autista (TEA), é caracterizado por uma condição neurológica que afeta a maneira de se comunicar, interagir e de processar informações, é possível que ser caracterizado por padrões repetitivos de comportamento, dificuldades de comunicação, é possível serem diversificados em graus de dificuldades e estereotipias, existem padrão atípicos entre elas são possíveis quando ser detectados na primeira infância.

A Maternidade se dá em pensamentos, sentimentos e expectativas acerca da idealização e fantasias feitas pela mãe sobre seu bebê que está sendo gerado em seu útero. Existem elementos a constituírem este apego materno-fetal, sendo eles o cognitivo, o afetivo. O cognitivo é elaborado por meio da figura mental que a mãe faz do seu filho, por exemplo, quando esta descreve suas mãos, braços, corpo no total; o afetivo condiz sobre o

gozo que ocorre ao imaginar e fantasiar este bebê, passando a mão em sua barriga ou supostamente conversando com o feto. Lucena (2019)

Através deste artigo, aspiramos não apenas a abordar um tema de profunda relevância social e emocional, mas também a alinhar este estudo às necessidades de desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e empáticas, áreas que têm recebido crescente atenção em diversas iniciativas acadêmicas e governamentais contemporâneas.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é baseado em uma revisão bibliográfica em que detalharemos a experiência da maternidade durante o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em crianças. O trabalho destaca os processos de luto no TEA e as intervenções psicanalíticas que ajudam as mães a lidar com o sofrimento. A metodologia é descritiva e exploratória, de maneira a nos aprofundarmos emocional e psicologicamente nessa experiência da maternidade e como a abordagem psicanalítica é possível que facilitar a adaptação e resiliência.

A pesquisa é do tipo básica, uma vez que é voltada para o conhecimento fundamental do luto materno do TEA, sem focar em uma aplicação direta. No entanto, as descobertas desta pesquisa são possíveis quem informar práticas futuras. A abordagem do estudo é exploratória e descritiva, pois analisamos as variáveis relacionadas com o luto na maternidade e no diagnóstico de TEA, o tema pouco compreendido. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que nos permitirá compreender vários aspectos não medíveis com base em números. Procuramos definir a complexidade experimentada por este luto e desafios através disto. A análise em profundidade acrescenta detalhes e aprofunda.

Um breve levantamento bibliográfico que foi realizado através de uma busca sistemática de artigos em repositórios acadêmicos, incluindo Pubem, Scopus, e Web of Science. Foram selecionados artigos publicados nos últimos cinco anos para garantir a relevância e atualidade das informações, além de obras clássicas que fundam a base teórica do estudo. Há busca incluíram combinações das palavras “maternidade”, “autismo”, “Transtorno do Espectro Autista”, “luto materno”, e “intervenção psicanalítica”. A seleção de artigos foi baseada na relevância para o tema central do estudo, na robustez metodológica e na contribuição para a compreensão do problema de pesquisa.

4100

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A Experiência do Luto Materno

O tópico da experiência do luto materno em relação ao diagnóstico de TEA é um que, na literatura de psicologia, foi tratado através de várias lentes. O luto, neste caso, ocorre não apenas de uma pessoa, mas de luto pela perda do que se esperava e sonhava como mãe de uma criança neurotípica. Normalmente, as mães passam por um processo de luto ao alinhar suas expectativas com a afirmação de que o filho tem (PESSOA et al., 2022). Esse processo é possível que variar muito com base nos detalhes das circunstâncias familiares e na força do diagnóstico, e é por isso que é tão importante que as intervenções sejam especificamente adaptadas para as circunstâncias familiares em questão (SMEHA, 2011).

O luto materno em TEA foi descrito como tendo fases de negação, raiva e aceitação. Essas fases são possíveis quem ser muito longas e intensas, devido à natureza contínua dos efeitos do TEA no desenvolvimento da criança e nas dinâmicas familiares (SILVA; MULICK, 2009). A compreensão deste luto é essencial para a elaboração de intervenções psicológicas que realmente possam ajudar as mães nesse difícil processo (SILVA, 2010). Estudos também indicaram que o luto materno é possível que ser agravado pela carência de apoio social e pelo estigma associado ao TEA.

4101

A maioria das mães se sente solitária em sua situação de luto, e isso é possível que ser prejudicial à sensação de impotência e melancolia (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). A carência de redes de apoio adequadas é, portanto, a segunda variável significativa no tratamento do luto materno nessas circunstâncias (GIBRAN, 2013). Além disso, a dor tem sérias implicações na mente da mãe, chegando mesmo a aumentar o risco de depressão pós-parto e ansiedade.

Isso, em última análise, só aumentará a necessidade de intervenções terapêuticas nas quais não apenas o luto seja identificado, mas a mãe seja ajudada a desenvolver mecanismos de enfrentamento para que ela seja capaz de lidar com suas emoções de forma saudável (LUCENA, 2019).

Tabela 1 - Critérios utilizados para diagnosticar o Autismo considerando o espectro das características.

Critério	Características
----------	-----------------

-
- A Deficiências persistentes na comunicação e interação social: 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitações nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamentos para se ajustar às diversas situações sociais.
-
- B Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestados pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
-
- C Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles são possíveis quem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceda suas capacidades ou é possível quem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.
-
- D Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
-
- E Esses distúrbios não são melhor explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.
-

Fonte: American Psychiatric Association, 2014

A tabela 1 mostra os critérios de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) especificados no DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). O critério A define as deficiências persistentes da comunicação e da interação social resultantes de limitações na reciprocidade social e emocional, nos comportamentos de comunicação não-verbal e na capacidade de iniciar, manter e entender relacionamentos (APA, 2014). 4102

Essas questões são apresentadas sucintamente no ajuste dos comportamentos para atender a várias situações sociais, e é a extensão do impacto do TEA sobre as habilidades sociais e de comunicação das pessoas que sofrem do transtorno. O critério B diz respeito a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que devem se apresentar com pelo menos dois do seguinte, por exemplo, movimentos motores repetitivos e estereotipados, insistência em rotinas inflexíveis, interesses restritos e anormais na intensidade e foco, e hiper ou hiporreatividade anormal a este. As exigências C e D especificam que os sintomas do distúrbio devem estar presentes desde a primeira infância e levar a disfunção clinicamente significativa das esferas interativas, ocupacionais e outras de importância para o sujeito (PESSOA et al., 2022).

Em terceiro lugar, o critério E sugere que os distúrbios em questão são exemplos de condições que não são mais atenuadas pela deficiência intelectual ou pelo transtorno invasivo do desenvolvimento, garantindo assim um diagnóstico eficaz de TEA que não seja equivocado com outras condições. Por fim, a literatura indica que, embora seja esperado que

o luto seja uma experiência compartilhada entre mães de crianças com TEA, o processo de luto é diferente. Assim, a intervenção psicanalítica é possível que ser muito útil em termos de fornecer um espaço seguro no qual as mães possam expressar seus sentimentos e trabalhar em seu luto de maneira personalizada (PESSOA et al., 2022).

3.1.1 Fases do Luto e a Reconfiguração da Identidade Materna

O luto materno que se inicia com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma jornada emocional complexa e multifacetada que é possível que ser compreendida através do modelo clássico das fases do luto proposto por Elisabeth Kübler-Ross em 1969. Este modelo inclui negação, raiva, barganha, depressão e acessibilidade. Contudo, estas etapas não seguem necessariamente uma progressão linear. Quanto mais é possível se oscilar entre diferentes estados emocionais ao longo do tempo, refletindo a natureza dinâmica e contínua do luto associado ao TEA.

A negação, como fase inicial, muitas vezes serve como mecanismo de defesa contra dores intensas e perda de expectativas na relação com a maternidade. Esta fase é possível que ser observada quando inicialmente se recusa o diagnóstico de TEA. Esta fase é possível que ser caracterizada pela busca incessante de segundas opiniões ou diagnósticos alternativos, na tentativa de evitar realidades dolorosas. Além disso, também é possível se minimizar os sintomas ou atribuí-los a outros fatores temporários, na esperança de que o diagnóstico de autismo não seja definitivo. Essa negação é possível que ser tanto consciente quanto inconsciente, funcionando como um amortecedor contra o choque inicial e ao mesmo tempo perdendo sonhos e expectativas para seus filhos (KUBLER-ROSS, 1969).

Com o passar do tempo, a próxima fase é possível que emergir como uma fase é possível que é carregada de emoção. Esse sentimento é possível que ser direcionado a diversas fontes, incluindo eles próprios, profissionais de saúde, familiares ou até mesmo a sociedade em geral. Quanto mais é possível se questionar as próprias ações durante a gravidez ou nos primeiros anos da infância, nos perguntando se é possível queria haver algo para evitar ou diagnosticar o TEA. Isso também é possível que ser sugerido pelos profissionais de saúde devido ao diagnóstico tardio ou à percepção de falta de apoio. O sentimento de injustiça e frustração em relação ao estigma social associado ao autismo também é possível que intensificar essa raiva, criando um ciclo de emoções negativas que é

4103

possível que ser difícil de quebrar (KUBLER-ROSS, 1969). A fase de negociação é muitas vezes marcada por uma tentativa desesperada de encontrar soluções ou tratamentos que possam mudar a situação. Quanto mais pudermos investir tempo e recursos significativos na busca de terapias inovadoras, dietas especiais ou qualquer intervenção que ofereça esperança de melhor. Esta fase é possível que ser extremamente desgastante, tanto emocional quanto financeiramente, e é possível que envolver uma montanha de expectativas e decepções. A barganha reflete a dificuldade de abordar a imutabilidade do diagnóstico de TEA e a persistência da esperança de que a situação possa ser revertida de alguma forma (PESSOA et al., 2022).

Quando as tentativas de barganha não produzem os resultados esperados, muitos é possível quem entrar na fase de depressão. Esta fase é caracterizada por sentimentos profundos de tristeza, desespero e uma sensação avassaladora de perda. A depressão durante o luto após o diagnóstico de TEA é possível que ser agravada pela percepção de isolamento e falta de compreensão por parte de amigos e familiares. Quanto mais é possível se nos sentires emocionalmente exaustos, incapazes de encontrar alegria em atividades que antes eram pacíficas, e é possível se nos sentires desconectados do mundo que nos rodeia. Esse período é crucial, mas o apoio psicológico adequado é possível que fazer a diferença na recuperação da saúde mental da criança (PESSOA et al., 2022).

4104

A fase oleosa representa um ponto de inflexão na reconfiguração da identidade materna. O petróleo não implica resignação, mas sim a integração da nova realidade na vida quotidiana. No máximo elas passam a ajustar suas expectativas e sonhos, criando novas perspectivas e significados para a maternidade. O óleo permite-lhe reconhecer mais plenamente o valor das capacidades únicas dos seus filhos, superando a perda inicial para um estado de adaptação e resiliência. Essa reconfiguração de identidade é um processo contínuo e dinâmico, pois mais aprendemos a celebrar os enquadramentos e conquistas de nossas crianças dentro do espectro autista (SILVA; MULICK, 2009).

3.1.2 Impacto Emocional e Psicológico do Estigma Social

O símbolo associado ao emissor do espectro do autismo (TEA) é possível que afetar significativamente o processo auditivo da mãe, proporcionando uma carga emocional adicional ao maior número. Muitas vezes tento identificar-me com o sentimento de ser

julgado e isolado da sociedade, ou com sentimentos elevados de inadequação e culpa. O impacto do estigma não se limita a uma percepção social negativa, mas tem profunda influência na saúde mental e emocional das mães, contribuindo para uma elevada incidência de distúrbios emocionais como depressão e ansiedade (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). Uma experiência de prestígio é possível que ser comparada a uma campanha de segunda vida, e perdi as expectativas relacionais com o meu filho, mas também perdi o meu apoio social vital.

O isolamento que acompanha o estigma é possível que ser devastador. As mães de crianças com TEA muitas vezes relatam serem evitadas ou criticadas por amigos e familiares que não entendem o autismo. Tentar compreender e ter empatia é possível que reforçar o sentimento de alienação, mas acho difícil chegar ao resultado final. A percepção de julgamento é possível que levar ao afastamento social, onde as mães evitam situações sociais por medo de serem mal interpretadas ou julgadas, agravando assim o sentimento de solidão (LUCENA, 2019). Este isolamento não é apenas um problema económico, mas também prático, limitando o acesso a recursos e apoios capazes de suportar a carga do instrumento e facilitar a sua adaptação.

4105

Estes estudos sugerem que o estigma social é possível que ser um fator chave na perturbação emocional. Se o estresse for mantido, então há potencial para as mães sofrerem de níveis mais elevados de estresse, ansiedade e depressão. Devido a essa internalização do estigma, começamos a acreditar nas nossas capacidades negativas. Isso é possível que potencialmente afetar a autoestima e a sensação de competência materna. Isso é particularmente mal porque o suporte emocional e psicológico é muito importante para as mães das crianças com TEA, e isso ajuda a manter a força mental e o equilíbrio emocional das mães (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). Ao minar tal suporte, o estigma aumenta a vulnerabilidade das minhas mães aos distúrbios mentais.

Para mitigar o impacto do estigma, é essencial promover a educação e a sensibilização do público sobre o autismo. O combate ao estigma não envolve apenas educar o público em geral sobre o TEA, mas também proporcionar um ambiente onde a diversidade neurológica seja compreendida e respeitada. As campanhas de conscientização pública são possíveis quem desempenhar um papel essencial na redução do preconceito e da discriminação, promovendo uma visão inclusiva e compassiva na sociedade (LUCENA, 2019). Esses testes

devem ter como objetivo fornecer informações precisas sobre o autismo, destacar a variabilidade dentro do espectro e combater mitos e interpretações errôneas comuns.

Além disso, a construção de redes de apoio comunitário é possível que proporcionar às mães o apoio de que necessitam para combater o estigma. Os grupos de apoio, onde as mães são possíveis quem partilhar as suas experiências sem medo de julgamento, são essenciais para criar um sentido de comunidade e validação emocional. Mas os grupos é possível quem aprender a implementar estratégias de intrusão eficazes e a confrontá-las com força. A implementação de políticas públicas que incentivem a inclusão e o acesso de pessoas autistas também é possível que contribuir significativamente para um ambiente mais acolhedor e compreensivo (LUCENA, 2019). Através destes meios, é possível construir uma sociedade que apenas nos apoia: temos tantas crianças quantas as pessoas com PEA conseguem cuidar ou precisam para prosperar.

3.1.3 A Necessidade de Suporte e Intervenções Personalizadas

A literatura acadêmica realmente presta muita atenção à demanda por intervenções individualizadas que, por sua vez, buscam apoiar as mães no processo de luto pelo diagnóstico de TEA dos filhos. Tais intervenções são obrigadas a serem sensíveis à individualidade de cada processo de luto e personalizadas para cada uma das mães. Os programas de apoio individualizado são particularmente úteis, pois têm a capacidade de oferecer às mães atenção e cuidado individualizados estritamente feitos sob medida de acordo com os requisitos de uma mãe em particular. Por exemplo, a psicanálise é possível que ser um tipo de tratamento muito útil que dá às mães um ambiente caloroso e acolhedor para se expressar e explorar seus sentimentos mais internos (SILVA, 2011).

A psicanálise é útil no processo de elaboração do luto porque permite que as mães processem e consertem suas perdas e, a partir daí, integrar essas perdas em suas novas vidas. Isso é crucial para a novidade recém-definida, no sentido de que as mães são capazes de reestruturar suas identidades e expectativas de uma maneira sublime que diz respeito à maternidade. Além da psicanálise, que se concentra no componente emocional do luto, a psicanálise contribui ainda para a compreensão dos mecanismos inconscientes que afetam os sentimentos da mãe em relação ao diagnóstico de TEA. Espera-se que a terapia ajude as mães a adquirir mecanismos de enfrentamento que lhes permitam resiliência e superação

4106

mental e emocional. Estabelecer grupos de apoio é, além das intervenções individuais, outra ferramenta importante para fornecer apoio (SMEHA, 2011).

Os grupos de apoio são úteis, pois fornecem apoio emocional e validação por meio de pares, isto é, por outras mães que estão passando pelo mesmo. A parte de apoio fornece um meio para as mães conversarem, compartilharem informações e consolarem umas às outras por meio da compreensão. A sensação de solidariedade geralmente alivia o ônus emocional e é um elemento fortalecedor para o processo de luto e adaptação pelas mães (S. A dinâmica dos grupos permite redes de apoio informais que é possível quem perdurar muito depois que o contato formal entre os membros do grupo tenha terminado (SMEHA, 2011).

Ter a formulação de políticas públicas que permitam o acesso a terapias de saúde mental especializadas garantirá que todas as mães recebam o apoio de que precisam. Tais políticas incluiriam a provisão de tratamentos psicanalíticos e outros métodos de intervenção psicológica clinicamente testados para superar o luto e se adaptar ao autismo. Em segundo lugar, as políticas garantiriam que as instalações de saúde mental sejam acessíveis para uma grande base de mães e não sejam consideradas exclusivas, de forma que barreiras financeiras e geográficas impeçam as mães de obter o apoio de que necessitam (GIBRAN, 2013). 4107

Intervenções personalizadas, juntamente com políticas públicas efetivas, têm o potencial de criar um sistema de apoio abrangente para as mães de crianças com TEA. A complementação da disponibilidade de redes de apoio comunitário com intervenções psicológicas e o acesso facilitado aos serviços de saúde mental têm o potencial de tornar a adaptação ao diagnóstico de TEA mais saudável e resiliente. Esses programas devem estar em evolução contínua e mudar de acordo com as demandas em evolução das mães e de suas famílias, para que o suporte proporcionado a elas estejam sempre up-to-date e seja útil (GIBRAN, 2013).

Por fim, mas não menos importante, o luto materno no caso do TEA é um processo contínuo e ativo. Intervenções individuais também devem ser adaptáveis às mudanças nas necessidades e sentimentos das mães ao longo do tempo. A intervenção centrada na mãe, que leva em consideração a experiência e a opinião específicas de uma mãe, é possível que ajudar a permitir que as mães se adaptem mais construtiva e estavelmente à realidade do autismo. A assistência consistente e maleável deve ser disponibilizada para as mães

empreendedoras a fim de ajudar nessas atividades desgastantes, ao mesmo tempo em que se cuida de sua saúde e da saúde de suas famílias (SMEHA, 2011).

3.2 Intervenção Psicanalítica

A psicanálise fornece uma lente rica e profunda através da qual se é possível que observar e entender os desafios que enfrentam as mães de crianças com TEA. Freud descreve o sofrimento como um sentimento inato devido a uma situação real de perda. Além disso, a maneira como este sofrimento é dramatizado em um processo de luto é possível que afetar significativamente o bem-estar psicológico dos indivíduos (GIBRAN, 2013).

Neste caso, o psicanalista é possível que ajudar a mães com TEA a processar esse sofrimento e, assim, ajudar a mãe com TEA a reconhecer e aceitar as perdas que tiveram que sofrer. Os psicanalistas ajudam a mãe com TEA a enfrentar a realidade da condição de sua filha e respondem a sentimento de culpa e isolamento que, geralmente, acompanham um diagnóstico pediátrico. Através da terapia, a mãe com TEA tem um espaço onde se expressa liberalmente e alimenta seus medos e preocupações mais profundos e reprimidos. Assim, graças ao terapeuta, ela encontrará uma fórmula para lidar com eles. (SILVA; MULICK, 2009). 4108

O papel do psicanalista, neste caso, é ajudar a mãe a entender e aceitar a condição do filho, trabalhando através de sentimento de culpa e isolamento que muitas vezes acompanham o diagnóstico (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). A terapia é possível que proporcionar um espaço para expressão de sentimentos reprimidos e para a discussão de medos e preocupações, o que é essencial para a saúde mental da mãe (GIBRAN, 2013).

A pesquisa psicanalítica também tem apontado para a importância das dinâmicas familiares no manejo do TEA. O entendimento dessas dinâmicas é possível que revelar padrões de comportamento e de relação que precisam ser ajustados, a fim de suportar melhor a criança e a própria mãe (LUCENA et al., 2019). Este conhecimento é vital para desenvolver intervenções que sejam verdadeiramente eficazes e ressonantes com as necessidades da família.

Ademais, a intervenção psicanalítica também envolve o manejo de expectativas. Ajustar as expectativas das mães em relação ao desenvolvimento e às capacidades de seus

filhos é uma parte crucial do tratamento, pois permite que as mães formem um vínculo mais realista e saudável com seus filhos (PESSOA et al., 2022, 2017).

Tabela 2 - Apego Materno-Fetal nos Diferentes Trimestres da Gestação

Trimestre	Características do Apego Materno-Fetal
Primeiro	Sentimentos de susto, nervosismo e alegria. Preocupação com a confirmação da gravidez e sentimentos ambivalentes. Diálogo com o bebê, mesmo sem sentir os movimentos fetais.
Segundo	Percepção do primeiro movimento fetal, proporcionando alívio e confirmação da gravidez. Mudanças corporais mais evidentes, aumento da sensibilidade emocional e do sentimento de amor. Estabelecimento de um vínculo mais forte devido à percepção física do bebê.
Terceiro	Aumento da ansiedade devido à proximidade do parto. Expectativas em relação ao encontro com o bebê real. Fantasias sobre o bebê, preparação emocional e prática para o parto.

Fonte: Lucena et al. (2019)

A tabela 2 oferece uma perspectiva valiosa sobre como as mães desenvolvem e manifestam apego ao longo do período gestacional. No primeiro trimestre, predominam sentimentos de susto, nervosismo e alegria, frequentemente acompanhados por uma preocupação constante sobre a confirmação da gravidez. No segundo trimestre, há uma percepção mais concreta do bebê devido aos primeiros movimentos fetais, o que proporciona um alívio significativo e um aumento no sentimento de amor e sensibilidade emocional. Finalmente, no terceiro trimestre, a ansiedade aumenta em antecipação ao parto e ao primeiro encontro com o bebê real, enquanto as mães se envolvem em fantasias e preparações práticas para o nascimento (LUCENA et al., 2019). 4109

E possível ser relacionar a dinâmica do apego de maneira significativa com a intervenção psicanalítica de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A psicanálise oferece uma abordagem profunda para compreender os desafios emocionais enfrentados pelas mães, especialmente no processo de luto pelo filho idealizado. Segundo Freud, o luto é uma reação necessária à perda, e a forma como é processado é possível que influenciar profundamente o bem-estar psicológico da pessoa (SILVA, 2011).

Por fim, a literatura sugere que a psicanálise é possível que promover uma melhor integração da identidade materna em meio às dificuldades impostas pelo TEA. Ajudar as mães a integrar a maternidade e as necessidades especiais de seus filhos em sua identidade é possível que levar a uma maior resiliência é uma adaptação mais positiva à sua realidade (SMEHA, 2011).

3.2.1 A Função do Psicanalista no Processo de Luto

A intervenção psicanalítica desempenha um papel crucial no apoio às mães que enfrentam o luto decorrente do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seus filhos. Esse processo terapêutico envolve a criação de um espaço seguro e acolhedor, onde as mães possam expressar livremente suas emoções e reflexões mais profundas. O ambiente terapêutico é cuidadosamente cultivado pelo psicanalista para garantir que as mães se sintam seguras para explorar sentimento de culpa, raiva e tristeza, que são frequentemente desencadeados pelo diagnóstico de TEA. Essa abordagem é fundamental para ajudar as mães a navearem pelo complexo processo de luto, promovendo a saúde mental e emocional (SILVA, 2011).

O luto materno, o psicanalista atua como um facilitador que guia as mães na exploração de seus sentimentos mais profundos e conflitantes. A psicanálise permite que as mães confrontem e compreendam as emoções que emergem após o diagnóstico, ajudando-as a elaborar a perda das expectativas que tinham para seus filhos. O terapeuta auxilia as mães a reconhecerem e aceitarem essas perdas, proporcionando o suporte necessário para a aceitação gradual da nova realidade. Esse suporte é essencial para que as mães possam reconfigurar suas expectativas e desenvolver uma nova perspectiva sobre a maternidade e as necessidades especiais de seus filhos (SILVA, 2011).

A função do psicanalista também envolve a identificação e o enfrentamento de sentimento de culpa que muitas mães experienciam. As mães são possíveis quem questionar suas próprias ações ou inações durante a gestação e os primeiros anos de vida do filho, culpando-se pelo diagnóstico de TEA. O psicanalista trabalha para ajudar as mães a entenderem que a culpa é uma resposta emocional comum, mas que não é fundamentada em uma causalidade real. Através da terapia, as mães são possíveis quem começar a perdoar a si mesmas e a liberar a culpa, permitindo um progresso emocional saudável e a reconciliação com a nova realidade (ROCHA; CAVALCANTI, 2007).

Outro aspecto importante do trabalho do psicanalista é ajudar as mães a lidarem com a raiva. Essa raiva é possível que ser direcionada a uma variedade de alvos, incluindo profissionais de saúde, familiares ou até mesmo a sociedade. O psicanalista facilita a expressão desses sentimentos de forma construtiva, ajudando as mães a entenderem a

origem de sua raiva e a encontrarem maneiras saudáveis de lidar com essa emoção. Através desse processo, as mães são possíveis quem reduzir os sentimentos de frustração e injustiça, que muitas vezes acompanham o diagnóstico de TEA, e começar a desenvolver um senso de aceitação e calma (SILVA, 2011).

Além de abordar a culpa e a raiva, o psicanalista também trabalha para ajudar as mães a enfrentar a tristeza profunda que frequentemente acompanha o luto pelo diagnóstico de TEA. A tristeza é possível que ser avassaladora e é possível que levar a estados de depressão se não for adequadamente tratada. O terapeuta oferece um espaço onde as mães são possíveis quem expressar sua tristeza sem julgamento, permitindo que essa emoção seja processada e compreendida. Este apoio é crucial para ajudar as mães a se moverem através da tristeza e a encontrarem novos significados e propósitos em suas vidas e na relação com seus filhos (GIBRAN, 2013).

Em suma, a função do psicanalista no processo de luto materno pelo diagnóstico de TEA é multifacetada e essencial para a saúde mental das mães. O psicanalista proporciona um ambiente seguro para a exploração emocional, ajuda as mães a reconhecerem e elaborarem suas perdas, e oferece suporte para a reconfiguração de expectativas e desenvolvimento de uma nova perspectiva sobre a maternidade. Este processo terapêutico é vital para que as mães possam encontrar aceitação e resiliência em meio aos desafios impostos pelo TEA, promovendo um bem-estar emocional duradouro e uma adaptação positiva à nova realidade (SILVA, 2011). 4111

3.2.2 A Dinâmica Familiar e a Psicanálise

A intervenção psicanalítica não se limita apenas ao suporte individual às mães, mas também abrange uma compreensão abrangente das dinâmicas familiares. As interações entre os membros da família e a forma como cada uma lida com o diagnóstico têm um impacto significativo no bem-estar tanto da mãe quanto da criança. A psicanálise permite uma análise profunda dessas dinâmicas, identificando padrões de comportamento que é possível quem estar contribuindo para o estresse e o conflito dentro da família (LUCENA, 2019). Esse entendimento é crucial para implementar mudanças que promovam um ambiente mais harmonioso e de suporte.

O psicanalista trabalha para identificar e abordar os conflitos familiares que surgem frequentemente após o diagnóstico de TEA. Esses conflitos são possíveis quem ser decorrentes de diferentes maneiras de lidar com a realidade do autismo, expectativas divergentes sobre o futuro da criança, ou a distribuição desigual de responsabilidades de cuidado. O terapeuta facilita o diálogo entre os membros da família, promovendo uma comunicação mais aberta e empática. Esse processo ajuda a resolver mal-entendidos e a construir uma compreensão mútua, essencial para fortalecer o apoio familiar e melhorar o ambiente doméstico (LUCENA, 2019).

A comunicação eficaz é um componente central da intervenção psicanalítica nas dinâmicas familiares. Muitas vezes, a tensão e o estresse decorrentes do diagnóstico de TEA é possível quem levar a uma comunicação disfuncional, onde os sentimentos e necessidades não são expressos de maneira clara ou são completamente suprimidos. O psicanalista ensina técnicas de comunicação que incentivam os membros da família a expressarem seus sentimentos e preocupações de forma assertiva e respeitosa. Isso não só alivia a tensão, mas também cria um espaço onde cada membro da família se sente ouvido e valorizado, contribuindo para um ambiente mais solidário e compreensivo (SILVA, 2011).

4112

Além de melhorar a comunicação, a intervenção psicanalítica é possível que revelar padrões inconscientes de comportamento que afetam negativamente a dinâmica familiar. Por exemplo, alguns membros da família são possíveis quem estar inconscientemente reforçando comportamentos de dependência ou negligência, sem perceber o impacto dessas ações no bem-estar geral da família. Através da análise psicanalítica, esses padrões são possíveis quem ser trazidos à consciência, permitindo que os membros da família façam mudanças intencionais e positivas em seu comportamento. Isso é possível que incluir a adoção de novos hábitos que promovam a autonomia da criança e reduzam a carga emocional sobre a mãe (GIBRAN, 2013).

A intervenção psicanalítica também enfatiza a importância de envolver todos os membros da família no processo terapêutico. Isso inclui não apenas os pais, mas também irmãos e outros familiares próximos que desempenham um papel na vida da criança com TEA. A inclusão de todos os membros da família ajuda a criar uma rede de suporte mais robusta e coesa. Cada membro é possível que aprender a lidar com suas próprias emoções e expectativas em relação ao TEA, contribuindo para um ambiente doméstico mais

equilibrado e saudável. O objetivo é criar uma unidade familiar que seja resiliente e capaz de enfrentar os desafios do TEA de maneira colaborativa e solidária (LUCENA, 2019).

3.2.3 Desenvolvimento de Estratégias de Enfrentamento

A intervenção psicanalítica desempenha um papel essencial não apenas no auxílio às mães para processarem o luto associado ao diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas também no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis e eficazes. Rocha e Cavalcanti (2007) enfatiza que o terapeuta psicanalítico ajuda as mães a identificar e compreender seus conflitos internos, permitindo uma abordagem mais construtiva e consciente para lidar com suas emoções. Esse processo é fundamental para a resiliência psicológica, capacitando as mães a adaptarem-se melhor às demandas e desafios da maternidade de uma criança com TEA.

O desenvolvimento de estratégias de enfrentamento envolve a elaboração de métodos que permitam às mães gerenciar o estresse e a ansiedade de maneira produtiva. O psicanalista auxilia as mães a reconhecerem os gatilhos emocionais e a desenvolverem técnicas para mitigar os efeitos negativos desses gatilhos. Por exemplo, práticas de mindfulness e técnicas de relaxamento é possível quem ser incorporadas no cotidiano das mães para ajudar a controlar a ansiedade e promover um estado de calma. Essas práticas são essenciais para manter um equilíbrio emocional, especialmente em momentos de crise ou quando enfrentam situações desafiadoras relacionadas ao TEA (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). 4113

Além das técnicas de *mindfulness*, a psicanálise promove a importância do fortalecimento de redes de apoio. Pessoa et al. (2022) sugerem que a construção e manutenção de uma rede de suporte robusta é uma estratégia crucial de enfrentamento. Essa rede é possível que incluir familiares, amigos, grupos de apoio e profissionais de saúde que oferecem suporte emocional e prático. A existência de uma rede de apoio confiável proporciona às mães um sentimento de pertencimento e segurança, sabendo que não estão sozinhas em sua jornada. Esse suporte é vital para aliviar a carga emocional e permitir que as mães se sintam valorizadas e compreendidas em suas experiências.

A prática de autocuidado é outra estratégia de enfrentamento que a psicanálise incentiva fortemente. O autocuidado envolve atividades que promovem o bem-estar físico,

emocional e mental das mães. Isso é possível que incluir exercícios físicos, hobbies, tempo de lazer, e até mesmo momentos de pausa e reflexão pessoal. O terapeuta psicanalítico trabalha com as mães para identificar atividades que lhes proporcionem alegria e relaxamento, ajudando-as a incorporar essas práticas em suas rotinas diárias. O autocuidado não é apenas uma indulgência, mas uma necessidade para manter a saúde mental e emocional, permitindo que as mães estejam em sua melhor forma para cuidar de seus filhos (PESSOA et al., 2022).

A busca por atividades que promovam o bem-estar emocional também é uma parte integrante das estratégias de enfrentamento desenvolvidas através da psicanálise. Essas atividades são possíveis quem variar de mãe para mãe, dependendo de suas preferências e necessidades individuais. Algumas é possível quem encontrar conforto na arte ou na música, enquanto outras é possível quem preferir atividades ao ar livre ou a prática de meditação. O papel do psicanalista é ajudar as mães a descobrir o que funciona melhor para elas e a encorajar a prática regular dessas atividades. Ao fazer isso, as mães são possíveis quem encontrar um meio de expressar suas emoções e de se conectar consigo mesmas de uma maneira saudável e produtiva (PESSOA et al., 2022).

4114

3.3 Impacto do Apoio Social

O apoio social é fundamental para mães de crianças com TEA, influenciando significativamente a forma como vivenciam o luto e a adaptação ao diagnóstico. A literatura destaca que um forte suporte social é possível que mitigar o impacto negativo do TEA sobre a saúde mental das mães, proporcionando-lhes recursos emocionais e práticos essenciais (LUCENA et al., 2019). Este suporte é possível que vir de familiares, amigos, grupos de apoio ou profissionais da saúde.

Estudos também têm mostrado que o isolamento social é um problema comum entre essas mães, o que é possível que exacerbar seu estresse e carga emocional (SILVA; MULICK, 2009). Desenvolver sistemas de apoio comunitário que promovam conexão e compreensão é possível que melhorar significativamente a resiliência psicológica das mães e o bem-estar geral (GIBRAN, 2013).

Tabela 3 - Principais aspectos do estresse e carga emocional

Aspectos	Resultados Principais
Problemas Comportamentais	Problemas como hiperatividade, dificuldade de manter atenção, comportamentos agressivos e autodestrutivos.
Problemas Sensoriais	Respostas sensoriais peculiares, incluindo hiper ou hiposensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis, olfativos e gustativos.
Problemas Médicos	Problemas gastrointestinais, problemas de alimentação e sono, histórico de otite recorrente, problemas neurológicos como convulsões ou epilepsia.

Fonte: Silva e Molik (2009).

O isolamento social é um problema comum entre mães de crianças autistas, exacerbando seu estresse e carga emocional. Crianças com autismo apresentam déficits significativos em habilidades sociais, dificultando a interação e o desenvolvimento de relacionamentos apropriados. Essa dificuldade frequentemente resulta em isolamento social para as crianças e, consequentemente, para suas mães. Além disso, mães de crianças autistas frequentemente relatam uma falta de suporte social. A ausência de interação social e de redes de apoio é possível que levar a um aumento no sentimento de isolamento (SILVA; MULICK, 2009).

Segundo a Tabela 3, problemas comportamentais como hiperatividade, dificuldade de manter atenção, comportamentos agressivos e autodestrutivos são comuns em crianças autistas, intensificando o estresse parental. Problemas sensoriais, incluindo hiper ou hiposensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis, olfativos e gustativos, também contribuem para o aumento do estresse, uma vez que as mães precisam constantemente adaptar o ambiente para minimizar o desconforto da criança. Além disso, problemas médicos como gastrointestinais, de alimentação e sono, histórico de otite recorrente e problemas neurológicos como convulsões ou epilepsia são frequentes, exigindo cuidados contínuos e especializados (SILVA; MULICK, 2009).

O isolamento social é possível que exacerba o estresse das mães, aumentando a carga emocional devido à falta de suporte e à necessidade constante de cuidar da criança sem descanso, o que é possível que levar a um esgotamento emocional e físico. Esses fatores evidenciam que o isolamento social não apenas afeta as crianças, mas também tem um impacto significativo nas mães, aumentando seu estresse e carga emocional. Portanto, é crucial desenvolver programas de suporte e intervenção que incluam redes de apoio social para essas famílias, ajudando a mitigar os efeitos negativos do isolamento (SILVA; MULICK, 2009).

Além disso, o papel do suporte profissional na forma de aconselhamento, terapia ou orientação médica também é crítico. Os profissionais são possíveis que forneçam não apenas intervenções terapêuticas necessárias, mas também informações valiosas sobre o TEA, ajudando as mães a gerenciar suas expectativas e a entender melhor a condição de seus filhos (ROCHA; CAVALCANTI, 2007).

Ademais, o suporte social também é possível que influenciar as estratégias de enfrentamento que as mães empregam. Estratégias de enfrentamento eficazes estão ligadas a melhores resultados de saúde mental e ajudam as mães a navegar com mais sucesso os desafios de criar um filho com TEA (PESSOA et al., 2022).

3.3.1 Importância das Redes de Apoio Familiar e Comunitário

As redes de apoio, tanto familiares quanto comunitárias, desempenham um papel vital no bem-estar das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A presença de uma rede de apoio sólida oferece não apenas alívio emocional, mas também suporte prático, auxiliando as mães a enfrentarem os desafios diários associados ao cuidado de uma criança com TEA. Estudos demonstram que o suporte de familiares próximos, amigos e comunidades locais é possível que reduzir significativamente os níveis de estresse e ansiedade entre essas mães (SILVA; MULICK, 2009). Essas redes de apoio são essenciais para fornecer um ambiente onde as mães se sintam compreendidas e amparadas.

A participação de familiares próximos é particularmente importante, pois eles são possíveis quem oferecer um suporte contínuo e imediato. Este suporte é possível que incluir ajuda com tarefas diárias, cuidados temporários para dar às mães um tempo de descanso, e um ouvido atento para momentos de desabafo emocional. A presença de uma rede familiar envolvida é possível que aliviar a carga emocional e prática, permitindo que as mães tenham mais tempo e energia para cuidar de si mesmas e de seus filhos. Além disso, familiares bem informados sobre o TEA é possível quem contribuir positivamente, oferecendo um suporte que é empático e educado, o que é crucial para a saúde mental da mãe (SILVA; MULICK, 2009).

A literatura também destaca que mães com acesso a redes de apoio bem estruturadas relatam uma melhor capacidade de enfrentamento e uma maior sensação de pertença. Essas mães geralmente desenvolvem uma resiliência emocional mais forte, pois sabem que é

4116

possível quem contar com o apoio de outras pessoas em momentos de necessidade. A sensação de pertencimento a uma comunidade compreensiva e solidária é possível quem transformar a experiência de maternidade, tornando-a mais gerenciável e menos solitária. O reconhecimento e a validação recebidos de membros da rede de apoio é possível quem proporcionar um alívio emocional significativo, ajudando as mães a manterem uma perspectiva positiva e a enfrentarem os desafios com mais confiança (GIBRAN, 2013).

Além do suporte familiar, as comunidades locais também desempenham um papel crucial. A criação de grupos de apoio comunitários específicos para pais de crianças com TEA é possível quem proporcionar um espaço seguro onde as mães são possíveis quem compartilhar suas experiências e desafios. Esses grupos oferecem uma plataforma para troca de informações, dicas práticas, e apoio emocional, promovendo um sentimento de comunidade e pertença. Participar de grupos onde outras mães enfrentam desafios semelhantes é possível quem ser particularmente fortalecedor, ajudando a reduzir o sentimento de isolamento e solidão que muitas vezes acompanha o diagnóstico de TEA (GIBRAN, 2013).

A implementação de políticas públicas que incentivem a formação e o fortalecimento de redes de apoio comunitárias é também de extrema importância. Governos e organizações sem fins lucrativos é possível quem desempenhar um papel fundamental ao oferecer recursos e infraestrutura para a criação de grupos de apoio e outros serviços comunitários. Além disso, programas de educação e sensibilização sobre TEA é possível quem ajudar a reduzir o estigma e aumentar a compreensão e a aceitação social, tornando mais fácil para as mães acessarem o suporte necessário. Políticas que promovam a inclusão e o apoio comunitário não apenas beneficiam diretamente as mães, mas também criam uma sociedade mais acolhedora e informada sobre o TEA (SILVA; MULICK, 2009).

4117

3.3.2 Grupos de Suporte e Intervenções Baseadas na Comunidade

Os grupos de suporte e outras intervenções baseadas na comunidade são ferramentas indispensáveis para apoiar mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A participação em grupos de apoio permite que essas mães compartilhem suas experiências, troquem informações valiosas e se conectem com outras pessoas que enfrentam desafios semelhantes. Esses grupos proporcionam um ambiente de compreensão e empatia, onde as

mães são possíveis quem encontrar consolo e solidariedade. A troca de experiências e o compartilhamento de estratégias práticas ajudam a criar um senso de comunidade e pertencimento, que é fundamental para o bem-estar emocional (ROCHA; CAVALCANTI, 2007).

Bem como o apoio emocional, os grupos de apoio comunitário também oferecem recursos práticos em programas comunitários que fornecem educação sobre TEA e acesso a recursos específicos ajudam as mães a desenvolver habilidades de enfrentamento mais eficazes. Esses programas incluem workshops, sessões informativas e acesso a profissionais especializados que oferecem orientações práticas sobre como lidar com os desafios comportamentais e de desenvolvimento associados ao TEA. A educação contínua e o acesso a informações atualizadas em é possível queiram as mães, melhorando sua capacidade de cuidar de seus filhos de maneira mais eficaz e informada (PESSOA et al., 2022).

A importância desses grupos de suporte vai além do simples compartilhamento de experiências. Eles oferecem um espaço seguro onde as mães são possíveis quem expressar suas emoções sem medo de julgamento. Rocha e Cavalcanti (2013) destaca que esses grupos são cruciais para a validação dos sentimentos das mães, permitindo que elas se sintam ouvidas e compreendidas. A possibilidade de verbalizar suas emoções e ouvir as experiências de outras mães cria uma rede de apoio emocional que é essencial para enfrentar os desafios diários do cuidado de uma criança com TEA. A validação emocional recebida nesses grupos alivia significativamente o estresse e a ansiedade, promovendo uma saúde mental mais equilibrada.

4118

Intervenções baseadas na comunidade também desempenham um papel vital no fortalecimento da resiliência das mães. A participação em atividades comunitárias e a integração em redes de apoio local aumenta a sensação de pertencimento e reduzir o isolamento social. Atividades como grupos de lazer, eventos sociais e programas de apoio proporcionam um alívio necessário da rotina estressante, oferecendo oportunidades para relaxamento e conexão social. A construção de uma rede de suporte diversificada e acessível contribui significativamente para a resiliência emocional e psicológica das mães, permitindo que elas enfrentem os desafios do TEA com mais confiança e equilíbrio (ROCHA; CAVALCANTI, 2007).

A promoção de políticas públicas que incentivem a formação de grupos de apoio e a criação de programas comunitários é essencial para garantir que todas as mães tenham acesso a esses recursos valiosos. Governos e organizações sem fins lucrativos devem trabalhar juntos para fornecer financiamento e infraestrutura necessária para esses programas. Além disso, campanhas de sensibilização pública ajuda a reduzir o estigma associado ao TEA e promover uma maior compreensão e aceitação na comunidade. Políticas inclusivas que apoiam a criação e manutenção de grupos de suporte e intervenções comunitárias transformam a experiência de maternidade para essas mães, oferecendo o apoio essencial para uma adaptação mais positiva e sustentável (PESSOA et al., 2022).

3.3.3 Políticas Públicas e Acesso a Serviços de Suporte

O papel das políticas públicas na provisão de suporte adequado para mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial e não será subestimado. A implementação de políticas que garantam acesso a serviços de saúde mental, aconselhamento e suporte social é essencial para o bem-estar dessas mães. Essas políticas devem ser abrangentes e inclusivas, visando atender às diversas necessidades que surgem no cuidado de crianças com TEA. As políticas públicas eficazes transformam significativamente a qualidade de vida das mães, proporcionando-lhes os recursos necessários para enfrentar instigações e promover uma saúde mental equilibrada (LUCENA, 2019). 4119

Lucena (2019) destaca a importância de políticas que promovam a inclusão e reduzam o estigma associado ao TEA. A criação de campanhas de sensibilização pública que educam a sociedade sobre o TEA é crucial para combater preconceitos e ampliar a aceitação social. Essas campanhas ajudam a criar um ambiente mais compreensivo e acolhedor, onde as mães e suas crianças não se sintam marginalizadas. A redução do estigma é essencial não apenas para o bem-estar emocional das mães, mas também para facilitar o acesso a recursos e serviços que serão evitados pelo medo de julgamento e discriminação.

Além das campanhas de sensibilização, a criação de programas governamentais que ofereçam suporte financeiro e logístico é fundamental para aliviar algumas das pressões enfrentadas pelas famílias. Sema (2011) enfatiza que muitas mães de crianças com TEA enfrentam desafios financeiros significativos, devido aos altos custos de terapias,

tratamentos e cuidados especiais. Programas de suporte financeiro incluem subsídios, auxílios e financiamento para terapias e tratamentos necessários. Além disso, o suporte logístico, como transporte gratuito para consultas médicas e terapias, o que alivia o fardo físico e emocional, permitindo que as mães se concentrem mais no cuidado de seus filhos e em seu próprio bem-estar.

O acesso a serviços de saúde mental especializados é outro aspecto crucial que deve ser abordado pelas políticas públicas. É essencial que as mães tenham acesso a terapeutas, conselheiros e outros profissionais de saúde mental que possuam conhecimento específico sobre TEA. Esses profissionais oferecem intervenções terapêuticas adequadas, ajudando as mães a desenvolverem estratégias de enfrentamento eficazes e a manterem uma saúde mental equilibrada. A disponibilidade de serviços de saúde mental deve ser garantida em todas as regiões, eliminando barreiras geográficas que impedem o acesso ao suporte necessário (SMEHA, 2011).

A realização de políticas públicas também deve incluir a criação de centros de apoio comunitário que ofereçam uma variedade de serviços, desde apoio emocional e psicológico até recursos educacionais e práticos. Esses centros atuam como pontos de referência para as mães, proporcionando-lhes um local seguro onde possam buscar ajuda e informações. A incorporação de serviços de suporte em um único local facilita o acesso e melhorar a coordenação de cuidados, tornando o processo mais eficiente e menos estressante para as famílias. Além disso, a formação de redes de apoio comunitário dentro desses centros promove um senso de comunidade e pertencimento, fundamental para o bem-estar emocional (LUCENA, 2019).

4120

4 CONCLUSÃO

O processo materno de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma viagem repleta de dor afetiva e intenso sofrimento psíquico. O objetivo deste estudo é retratar o caminho do luto materno e a função das intervenções psicanalíticas como veículos de apoio e reorganização. As mães de crianças com TEA frequentemente passam por uma jornada longa, na qual há perda de expectativas sobre uma maternidade neurotípica e até que o entendimento e a adaptação à nova realidade ocorram. No contexto do TEA, a perda sentida pelos pais é uma base para muitas etapas complexas de emoção-negação, raiva,

negociação, depressão e, eventualmente, aceitação. Esses estágios ocorrem não exatamente de forma linear, e a literatura mostra que eles são possíveis quem se manifestar de muitas maneiras e várias vezes ao longo do tempo.

A mãe está sentindo muita dor por perceber que as expectativas que ela tinha para o filho e os sonhos que ela tinha para ele não se realizarão da maneira como ela gostaria. Essa tristeza é agravada pela falta de apoio social e pelo estigma relacionado ao autismo, o que faz com que sintam que falharam e que estão sozinhas nesse processo (SILVA; MULICK, 2009). As intervenções psicanalíticas são uma ferramenta importante para ajudar as mães a lutar contra o luto que experimentam após um diagnóstico de TEA. A psicanálise é um ambiente caloroso e seguro para que as mães possam delinejar cuidadosamente todos os seus sentimentos complicados e reprimidos.

O papel do terapeuta psicanalítico é ajudar as mães a identificar e elaborar suas perdas no sentido de aceitar e reorganizar a identidade e as expectativas maternas (ROCHA; CAVALCANTI, 2007). Não só a psicanálise facilita a elaboração do luto, mas também ajuda na identificação e elaboração do uso bem-sucedido de estratégias de enfrentamento para construir resiliência psicológica. Outro dado muito crucial neste estudo é a necessidade de apoio social para as mães com filhos diagnosticados com TEA. O apoio de familiares, amigos e da comunidade é importante na minimização dos impactos negativos do diagnóstico na saúde mental materna. A pesquisa mostra que estas redes de apoio quando organizadas criam uma fonte de ajuda emocional e colaboram com a redução do estresse e a ansiedade.

4121

Além disso, participar e ouvir os grupos de apoio comunitário deveriam proporcionar a oportunidade de compartilhar experiências e validação emocional. Políticas públicas quanto às necessidades das mães de crianças com autismo precisam ser implementadas. Serviços de suporte comunitário e especialistas em saúde mental é possível quem contribuir efetivamente para a qualidade de vida dessas mães, bem como de suas famílias. Políticas que sustentam a inclusão e desestigmatizam o autismo, por outro lado, serão ações políticas que ajudarão a apoiar um ambiente de aceitação e empatia.

A condição de uma mãe de uma criança com TEA é singular e complexa; portanto, o apoio deve ser multidimensional, levando em consideração a dimensão prática e emocional da criança. Assim, este estudo apoia a necessidade de intervenções psicológicas e bom

suporte social como meio de melhorar a resiliência psicológica das mães. Também apoia a necessidade muito importante de políticas públicas que assegurem a essas famílias o apoio de que precisam para se adaptar de uma maneira mais positiva e saudável à realidade do autismo.

Os resultados do estudo trazem a necessidade contínua de novas pesquisas que levem em consideração as experiências das mães com o TEA em um esquema de apoio holístico que leve ao bem-estar mental, emocional e social das mães. A fim de capacitar as mães com a força e a resiliência que necessitam ao longo dos desafios enfrentados ao longo da vida de uma pessoa com autismo, é fundamental que uma boa quantidade de apoio social esteja emparelhada com uma psicanálise. Isso permitirá que se estabeleça um futuro que seja verdadeiramente inclusivo e holístico para todas as famílias impactadas pelo TEA.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Suzana Faleiro. **O autismo para a psicanálise: da concepção clássica à contemporânea.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1231-1247, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2024. 4122

CAMPOS, Érico Bruno Viana. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.** Rev. Psicol. UNESP, Assis, v. 12, n. 1, p. 13-24, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198490442013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2024.

Instituto Olga Kos. **Cartilha do Transtorno do Espectro Autista.** Disponível em: https://institutoolgakos.org.br/noticia/cartilhadotranstornodoespectroautista?gad_source=1&gclid=EAIAIQobChMIPILQhfChQMVogtBh3zkAWfEAAVASAAEgJuM_D_BwE. Acesso em: 14 abr. 2024.

LUCENA, Andressa da Silva; OTTATTI, Fernanda; CUNHA, Felipe Augusto. **O apego materno-fetal nos diferentes trimestres da gestação.** Psicol. Am. Lat., México, n. 31, p. 13-24, jul. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2024.

PESSOA, Dayane Moscoso; MELO, Uber Lane; LIMA, Jonathan. **Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA.** Revista, v. 7, n. 2, p. 1-12, mar. 2022.

PONCIANO, Ligia Carla Motta de Souza. **Reflexões sobre o processo de luto. Anima: Estudos Junguianos,** [S.I.], [Ano]. Disponível em:

<https://animaestudosjungianos.com.br/br/canal-jung/48/artigo-de-conclusao-de-curso-reflexoes-sobre-o-processo-de-luto>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ROCHA, Paulina Schmidtbauer; CAVALCANTI, Ana Elizabeth. **AUTISMO-CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES**. Casa do Psicólogo, 2007.

SILVA, M.; MULICK, J. A.. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 29, n. 1, p. 116–131, 2009.

SMEHA, Lorena Nacif; CEZAR, Priscila Klein. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo**. Psicologia Em Estudo, 16(1), 43–50, 2011.

WHO. **Autism spectrum disorders**. Disponível em: https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/autismspectrumdisorders?gad_source=1&gclid=EA1aIQobChMIqN_rvvjChQMVMiWtBh2JXQXgEAAYAyAAEgIe6_D_BwE. Acesso em: 14 abr. 2024.

ZILBOVICIUS, Monica; MERESSE, Isabelle; BODDAERT, Nathalie. **Autismo: neuroimagem**. Braz J Psychiatry [Internet], 28–s28, mai. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500004>. Acesso em: 14 abr. 2024.

/view/93 . Acesso em 17 ago. 2022.